

ERA UMA VEZ UM NATAL SEM PAPAI NOEL

The book cover features a stylized illustration. At the top, a woman's face is shown in profile, looking down. Below her, a large yellow circle contains a woman with long dark hair, wearing a white headscarf, holding a baby wrapped in a patterned blanket. The background of the circle has a wavy, wood-grain-like texture. The author's name is written in a cursive font across the middle of the circle.

Elben César

ELBEN CÉSAR

**ERA UMA VEZ UM
NATAL SEM PAPAI NOEL**

ultimato 

VIÇOSA/MG

Copyright © 2012, Elben M. Lenz César
Todos os direitos reservados

Coordenação Editorial: *Délnia Bastos*

Revisão: *Ariane dos Santos*

Primeira edição eletrônica: *Dezembro de 2012*

Capa: *Ana Cláudia sobre ilustração de Cristina Balit,
em Bíblia Para Crianças (Editora Sinodal)*

ISBN: 978-85-7779-083-8

ISBN [PDF] : 978-85-7779-082-1

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br

Apresentação

A série “45 Anos” coloca à disposição dos leitores uma seleção de títulos em formato digital (e-book), dedicados à celebração de datas especiais em 2013.

Era uma Vez um Natal sem Papai Noel é um devocionário que celebra o verdadeiro sentido do Natal e inaugura a série “45 Anos”. Assim, a Editora Ultimato quer compartilhar parte do seu acervo – além da contribuição dos seus autores – sobre temas importantes da fé cristã, no ano em que comemora 45 anos de publicação ininterrupta da revista Ultimato.

Os editores

Introdução

Era uma vez...

Era uma vez um Natal bem diferente. Sem a euforia do décimo terceiro salário e das gratificações. Sem as puras e belas melodias natalinas usadas irreverentemente, a todo volume, nas propagandas de presentes de Natal. Sem o excesso de luzes e cores. Sem os cumprimentos natalinos na maioria formais. Sem os comes e bebes em quantidades enormes. Sem o cansaço do ano que se finda, de outras cerimônias (formaturas, cerimônias nupciais), de trânsito difícil, de corrida às lojas e das pancadas de chuva.

Era uma vez o mais remoto Natal. Celebrado numa estrebaria e não numa catedral. Celebrado de noite e não de dia. Celebrado com vozes angelicais e não com vozes humanas. Celebrado com a glorificação e o louvor do nome de Deus e não com cenas profanas.

Esse livreto é um devocionário para ser lido no mês de dezembro. *Era uma vez um Natal sem papai Noel* relembra o longínquo primeiro Natal!

Era uma vez um casal sem filhos

Eles moravam em Jerusalém e ambos eram de linhagem sacerdotal. O comportamento deles era irrepreensível. Embora não fizessem qualquer controle de natalidade, desejassem muito ter filhos e orassem a respeito, o tempo foi passando, e a criança não veio. O que a mulher temia aconteceu: a cessação da menstruação. O que o marido temia aconteceu: o fim da sua capacidade sexual. Antes, o problema era só um: a esterilidade de Isabel (esse era o nome da mulher). Mas ela e ele tinham esperança, pois as três primeiras mulheres do povo de Israel – Sara, Rebeca e Raquel – eram estéreis e tornaram-se mães. Agora, os problemas são três – esterilidade, velhice de um e velhice do outro.

Quando Zacarias estava queimando incenso no santuário, o arcanjo Gabriel apareceu e lhe disse de chofre: “Deus ouviu a sua oração! Sua esposa vai ter um filho. E o nascimento dele vai trazer muita alegria e felicidade para você e muita gente” (Lc 1.13-14).

“Deus ouviu a sua oração! A sua esposa vai ter um filho, e você porá nele o nome de João. O nascimento dele vai trazer alegria e felicidade para você e para muita gente” (Lc 1.13-14)

Era uma vez uma parteira assustada

Ela foi chamada para atender uma mulher em trabalho de parto. Quando entrou no quarto, a parteira não acreditou no que estava vendo: uma velha muito velha dando à luz. “É o fim dos tempos”, pensou. Depois de cortar o cordão umbilical, separando corporalmente o bebê da mãe, e de lavar o corpinho do menino, a parteira fez menção de voltar para casa, mas foi barrada pelo alvoroço dos vizinhos e parentes da parturiente que pulavam, dançavam e cantavam para exaltar a grande bondade do Senhor para com o casal de idosos (Lc 1.58). Foi aí que a parteira entendeu o milagre não só da concepção mas também da gravidez e do parto.

O louvor espontâneo dos vizinhos de Zacarias foi tão grande quanto o milagre da gravidez daquela senhora idosa. Disseram-lhe que aquele senhor de cabeça branca e alquebrado era o pai do menino.

Nem antes nem depois, a parteira fez o parto de uma criança gerada por um casal tão idoso – Zacarias e Isabel.

“Os vizinhos e parentes ouviram falar da grande bondade do Senhor para com Isabel, e todos ficaram alegres com ela” (Lc 1.58)

Era uma vez uma tabuinha de escrever

Poderia ser uma placa de argila, de pedra, de alguma rocha vulcânica, de cerâmica. Poderia ser o pedaço de um vaso quebrado ou de uma pele seca de ovelha ou um pergaminho qualquer. Mas o velho Zacarias pediu mesmo foi uma tabuinha, aquele pedacinho de madeira coberto com cera. Deram-lhe não só a dita tabuinha mas também um instrumento pontiagudo, porque o ‘jovem’ pai queria escrever alguma coisa.

Zacarias não era um surdo-mudo. Era apenas mudo. Não falava nada mas ouvia tudo. E ele ouviu que a vizinhança e a parentada toda queria dar o nome de Zacarias Júnior ao recém-nascido, o que não podia acontecer porque, nove meses antes, o arcanjo Gabriel lhe havia dito: “Sua esposa vai ter um filho e você porá nele o nome de João” (Lc 1.13). Mesmo sendo muito velho, Zacarias tinha boa memória e sabia que a determinação do nome procedia de Deus. E não queria pecar outra vez: por ter duvidado do milagre, ficara mudo. Então, segurou a tabuinha e a ‘caneta’ e escreveu: “O nome dele é João” (Lc 1.63). Nesse preciso momento, a mudez bateu as asas!

“Zacarias pediu uma tabuinha de escrever e escreveu: ‘O nome dele é João.’ E todos ficaram muito admirados” (Lc 1.63)

Era uma vez um imperador chamado César Augusto

Augusto foi o primeiro imperador romano. Esteve à frente do Império por 44 anos (de 31 a.C. a 14 d.C.). Foi ele quem expandiu o Império por todo o Mediterrâneo (sul da Europa, norte da África e oeste da Palestina), estabeleceu a chamada Paz Romana e introduziu a idade áurea da literatura e da arquitetura romanas. Todas essas coisas posteriormente foram favoráveis à expansão do cristianismo.

Deve-se a esse imperador romano o cumprimento da profecia de Miquéias segundo a qual Jesus nasceria numa cidade bem distante do lugar onde moravam Maria e José. É apenas o Evangelho de Lucas que explica a relação do imperador com a profecia: “Naquele tempo o imperador Augusto mandou uma ordem para todos os povos do Império. Todas as pessoas deviam se registrar a fim de ser feita uma contagem da população” (Lc 2.1). Porque cada cidadão deveria se cadastrar em sua própria cidade, porque José era um nativo de Belém e porque Maria, em avançado estado de gravidez, foi com ele – Jesus nasceu em Belém. Em última análise quem comanda a história é o Rei dos reis.

“Naquele tempo o imperador Augusto mandou uma ordem para todos os povos do Império. Todas as pessoas deviam se registrar a fim de ser feita uma contagem da população” (Lc 2.1)

Era uma vez uma cidade apagada chamada Nazaré

Ela ficava na Galileia, a mais setentrional das três províncias romanas da Palestina, entre o rio Jordão, a leste, e o mar Mediterrâneo, a oeste.

Embora próxima do monte Tabor e do monte Carmelo, Nazaré estava num vale elevado, a cerca de 366 metros acima do nível do mar. Fora da cidade, mas bem perto dela, havia um alto monte com um desfiladeiro em um dos seus lados. Foi para o alto desse monte que o pessoal da sinagoga levou Jesus para o jogar dali abaixo, “mas ele passou pelo meio da multidão e foi embora” (Lc 4.29-30).

Por ser isolada e pequena, Nazaré era uma cidade desprezada. Dizia-se sem a menor cerimônia: “Será que pode sair alguma coisa boa de Nazaré?” (Jo 1.46). O tempo mostrou que não era bem assim. A pessoa mais importante do mundo viveu muito tempo em Nazaré, a ponto de ser conhecido como o Nazareno (Lc 18.37).

“Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair alguma coisa boa?
Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê” (Jo 1.46)

Era uma vez uma camponesa muito jovem e simpática

Ela tornou-se a mulher mais importante do mundo (Lc 1.28), mas nasceu e viveu pobre, e morava numa pequena e isolada cidade da Galileia. O nome da cidade era Nazaré e o nome da jovem, Maria.

Maria começou a namorar muito cedo, mas o rapaz, um pouco mais velho, era uma excelente criatura. Como José já tinha uma profissão certa e oferta de trabalho, ele resolveu desposar Maria, realizando uma cerimônia antenupcial. Segundo as convenções da época, para viverem sob o mesmo teto, os noivos deveriam esperar mais um pouco, até chegar o momento da segunda cerimônia, e do casamento propriamente dito. No entanto, os votos de amor e fidelidade eram feitos na primeira cerimônia, em meio a uma festa. Nesse dia, Maria ganhou alguns presentes.

A camponesa e o carpinteiro contavam nos dedos os dias que estavam faltando para consumir o casamento.

“Você é a mais abençoada de todas as mulheres” (Lc 1.42a)

Era uma vez um modesto carpinteiro

Ele ficou famoso, não por causa das cangas de boi e das portas que fabricava, mas por ter sido marido de Maria, pai adotivo de Jesus e pai natural de pelo menos duas meninas e de quatro rapazes (Tiago, José, Simão e Judas), alguns dos quais, ao lado dos apóstolos, exerceram algum ministério.

Esse carpinteiro era notável. Sabe-se disso por causa de sua especial delicadeza com Maria e com o anjo. Ele agiu como um cavalheiro com a esposa. Quando soube que Maria estava grávida, embora tivesse o apoio da lei para expô-la a uma humilhação pública, ele preferiu ser o mais discreto possível. E, uma vez tomando conhecimento do que estava de fato acontecendo, ele não desmanchou o compromisso assumido com a esposa no dia da cerimônia antenupcial, e ainda fez exatamente o que o anjo de Deus lhe havia ordenado (Mt 1.18-25).

José não deixou Maria sozinha na educação de Jesus, que crescia na altura, no peso, na saúde, na sabedoria e no relacionamento com os outros (Lc 2.52).

“Mas José, seu esposo, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente” (Mt 1.19)

Era uma vez uma paixão quase rompida

Ela se encontrava no início de uma gravidez. Estava comprometida, mas ela e o noivo não tinham se precipitado e ele não era o pai da criança. Por causa disso, ela quase perdeu o marido. Mas o anjo do Senhor veio em socorro dela e em socorro de José, e pôs tudo em pratos limpos. A explicação dele era fantástica: “José, filho de Davi, não tenha medo em tomar Maria como sua esposa, pois a criança que está no seu ventre foi concebida pelo Espírito Santo e ela dará à luz um filho, que será chamado Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt 1.20-21, NBV).

Sem desconfiança nem coração machucado, o carpinteiro levou a jovem camponesa para casa como sua esposa. Mas, para que ela continuasse virgem até dar à luz a criança, José achou por bem manter-se provisoriamente casto até o nascimento do menino (Mt 1.25). Depois que Jesus veio ao mundo, os dois viveram naturalmente e tiveram filhos e filhas (Mc 6.3).

“José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo” (Mt 1.20)

Era uma vez um anjo de alta patente

Na verdade ele é mais do que um anjo. Todas as quatro referências a ele nas Escrituras (duas no Antigo Testamento e outras duas no Novo Testamento) chamam-no de arcanjo Gabriel. Na hierarquia angelical, anjo é menor do que arcanjo.

Embora criados por Deus em algum tempo, antes mesmo da criação dos céus e da terra que agora existem, os seres angelicais estão fora do tempo. Por essa razão, não é possível saber a idade deles. Os dois únicos arcanjos mencionados na Bíblia – Miguel e Gabriel – já atuavam na época do profeta Daniel, que viveu 600 anos antes de Cristo.

O arcanjo Gabriel foi enviado por Deus em duas ocasiões muito próximas. Primeiro, a Zacarias, quando ele estava como sacerdote no templo de Jerusalém (Lc 1.11,19); depois a Maria, em sua casa em Nazaré (Lc 1.26-27) Em ambas as ocasiões, a missão de Gabriel era anunciar o nascimento de João Batista (na primeira aparição) e o de Jesus na segunda.

“O anjo respondeu: – Eu sou Gabriel, servo de Deus, e ele me mandou falar com você para lhe dar essa boa notícia” (Lc 1.19)

Era uma vez uma salmista

Era uma emoção atrás da outra. A cerimônia antenupcial acontecera poucos meses antes. A visita do arcanjo Gabriel. A suspensão da menstruação. A visita à prima grávida. A agitação do bebê de seis meses no ventre da prima por causa da criança que estava em seu próprio ventre. O bonito cântico de Isabel em resposta a esses acontecimentos.

Não deu outra. Tremendamente emocionada, Maria irrompeu em louvor. A mesma reação já havia acontecido com Moisés e Miriam a propósito da travessia do mar Vermelho (Êx 15.1-21), com a filha de Jefté a propósito da vitória de Israel sobre os amonitas (Jz 11.34) e com Ana, a propósito do nascimento de Samuel (1Sm 2.1-10).

O salmo de louvor entoado por Maria é de uma beleza enorme. Talvez seja mais conhecido do que qualquer um dos 150 salmos dos livros poéticos. Como os demais cânticos, foi uma produção espontânea, como se pode ver na primeira linha: “Meu coração extravasa de louvor a ti, ó Senhor” (Lc 1.47, AM).

“Então, disse Maria: ‘A minha alma engrandece ao Senhor’” (Lc 1.46, RA)

Era uma vez uma mulher muito idosa e muito crente

Seu antecedente mais distante e mais conhecido era Arão, o irmão de Moisés e o primeiro sacerdote na história de Israel.

Grávida por uma intervenção miraculosa de Deus e residente numa região montanhosa da província mais meridional da Palestina, Isabel recebeu a visita de uma prima também grávida residente na província mais setentrional da mesma Palestina. A grávida idosa estava no sexto mês de gravidez e a grávida nova no iníciozinho da gravidez.

Quando as duas grávidas se encontraram, houve um reboiço no útero da mais velha: o nenê de seis meses saltou de alegria! Isso aconteceu logo na chegada de Maria, quando ela cumprimentou a prima.

Maria estava grávida de Jesus e Isabel estava grávida de João Batista. Foi o primeiro encontro entre o precursor do Messias e o próprio Messias. Era também a primeira reverência de João a Jesus. Menos de trinta anos depois, o filho de Isabel faria outra reverência ao filho de Maria. Ele iria declarar solenemente: “Aí está o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29).

“Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança se mexeu na barriga dela” (Lc 1.41)

Era uma vez um profeta chamado Miqueias

Foi ele que anunciou, com 700 anos de antecedência, o lugar onde o Verbo se faria carne: “Ó Belém Efrata, você é apenas uma pequena vila da Judeia, mas será o lugar onde vai nascer o rei de Israel” (Mq 5.2, NBV).

Nenhuma outra profecia messiânica é tão explícita e significativa como a de Miquéias. O nascimento de Jesus em Belém foi um ‘acidente’. Nem Maria nem José eram residentes na cidade. Ambos estavam em Belém, quando a criança nasceu, para cumprir uma obrigação imposta pelo governo romano, que estava decidido a fazer o recenseamento de todo o Império. O casal morava em outra cidade e em outra província, bem mais ao norte.

Além de mencionar o nome da cidade natal de Jesus, o profeta revelou ainda, com a mesma precisão, um dos pontos mais importantes e extraordinários da cristologia: a eternidade de Jesus. Embora Jesus nasceria em Belém, “suas origens estão no passado distante, em tempos antigos [ou desde os dias da eternidade]”. Essa passagem tem ligação com o prólogo do Evangelho de João: “No princípio era o Verbo” (Jo 1.1).

“Ó Belém Efrata, você é apenas uma pequena vila da Judeia, mas será o lugar onde vai nascer o rei de Israel” (Mq 5.2, NBV)

Era uma vez outra cidade muito pequena

Até certo tempo, Belém não chamava a atenção de ninguém, a não ser de pessoas versadas na história bíblica. Ali estava o túmulo de Raquel, a mais amada esposa de Jacó. Ali viveram Noemi, Elimeleque e seus dois filhos, Jessé e seus oito filhos (o caçula era Davi).

Apenas oito quilômetros separavam Belém de Jerusalém. Mas elas estão ainda mais próximas ainda no que diz respeito à vida de Jesus. O Senhor nasceu em Belém e morreu em Jerusalém. Ao sair do ventre de Maria, seu corpo foi colocado numa humilde manjedoura. Ao sair da vida, seu corpo foi colocado num túmulo de gente rica. Em Belém, a estranha e gloriosa luz do Senhor iluminou a noite de seu nascimento (Lc 2.9). Em Jerusalém, a estranha e sinistra escuridão que cobria toda a terra escureceu o dia de sua morte (Lc 23.44). Mesmo sendo uma cidade desprezível, uma das menores da Judeia, foi de Belém e não de Jerusalém que saiu o Rei dos reis!

“Vamos até Belém para ver o que aconteceu; vamos ver aquilo que o Senhor nos contou” (Lc 2.15)

Era uma vez uma sociedade muito estranha

Nenhuma família abriu as portas de sua casa para hospedar uma mulher grávida de nove meses. Nenhum hóspede da pensão de Belém cedeu o seu lugar para aquela jovem senhora ter o seu trabalho de parto. Por falta de conhecimento bíblico e por falta de curiosidade, ninguém podia sequer imaginar que o bebê que estava para nascer poderia ser a tal criança da profecia de Miquéias. Se a pobre viúva de Sarepta, numa época de grande fome e sede, cedeu o andar de cima de sua casa para hospedar o profeta Elias (1Rs 17.19), por que nenhuma viúva de Belém não fez o mesmo? Se Neemias fez a extravagância de hospedar em sua casa 150 judeus e outras pessoas, obrigando-se a preparar a cada dia um boi, seis ovelhas e muitas galinhas (Ne 5.17-18) – por que nenhuma pessoa com recursos em Belém não alojou o casal em trânsito em sua casa? Estaria Jesus pensando nos habitantes de Belém quando exclamou: “Eu estava sem casa, e vocês não me deram uma cama” (Mt 25.43a, AM)?

“Não havia lugar para eles na pensão” (Lc 2.7)

Era uma vez uma estrebaria em Belém da Judeia

O dono e sua família moravam no andar de cima e os animais, no andar de baixo. Em algum lugar da estrebaria havia um cocho ou manjedoura, onde se colocava o alimento para os animais comerem.

Essa estrebaria de Belém é a estrebaria mais famosa da história. Pois foi o único lugar que José conseguiu para hospedar-se precariamente com Maria e onde nasceu o primeiro filho dela (Lc 2.7).

Estaria Jesus se referindo a essa exótica hospedagem quando explicou a uma pessoa que queria segui-lo: “As raposas têm covas para morar, e os pássaros têm ninhos, porém o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça aqui na terra” (Lc 9.58).

Essa hospedagem era tão inusitada que serviu como sinal para os pastores de ovelhas: “Esta será a prova: vocês encontrarão uma criancinha enrolada em panos e deitada numa manjedoura” (Lc 2.12).

A estrebaria de Belém não era como as quatro mil cocheiras de Salomão (2Cr 9.25) nem como as estrebarias do rei Ezequias (2Cr 32.23). Era muito mais modesta!

“Esta será a prova: vocês encontrarão uma criancinha enrolada em panos e deitada numa manjedoura” (Lc 2.12)

Era uma vez um nenenzinho

Ele era “descendente de Davi, que era descendente de Abraão” (Mt 1.1). Isso quer dizer que esse nenenzinho era de sangue judeu e de sangue azul. Entre os seus antepassados que foram reis, alguns fizeram o que agrada o Senhor, como, por exemplo, Davi, Uzias, Ezequias e Josias. Os outros fizeram coisas erradas que não agradam a Deus.

Entre as muitas mães dessa criancinha (seus antepassados do sexo feminino), constam os nomes de três mulheres cujos currículos incluem algum delito sexual: Tamar fingiu-se de prostituta e coabitou com o próprio sogro, Raabe foi uma prostituta quando morava em Jericó e Bate-Seba foi a mulher com a qual Davi adulterou. Isso significa que, na história familiar de Jesus, havia mulheres de conduta irregular. Em compensação, nenhuma outra mulher na história bíblica foi tão irrepreensível quanto Maria, sua mãe mais próxima. Mais tarde Jesus não se envergonharia desta história nem de se aproximar das três mulheres sem nome que ele perdoou: a mulher pecadora, a mulher adúltera e a mulher samaritana. Afinal, ele nasceu em Belém para “buscar e salvar quem estava perdido” (Lc 19.10).

“Entraram na casa e encontraram o menino com Maria, a sua mãe”
(Mt 2.11)

Era uma vez um anjo que fez o primeiro anúncio das Boas Novas

Deus o fez descer até a altura em que pudesse ser visto lá pelas tantas da noite em que Jesus nasceu. Ele veio exclusivamente para dar um aviso: “Estou aqui a fim de trazer uma boa notícia para vocês [os pastores] e ela será motivo de grande alegria também para todo o povo! Hoje mesmo, na cidade da Davi, nasceu o Salvador de vocês – o Messias, o Senhor!” (Lc 2.10-11).

Em tempo algum houve uma participação do nascimento de criança tão original e tão solene! Esse anjo foi o primeiro pregador do evangelho. Naquele preciso momento, o mundo começou a mudar. E está mudando até hoje, mais de dois mil anos depois.

A notícia dada pelo anjo era aguardada por muita gente séria. Perguntava-se em cada passagem de ano, em cada comemoração da Páscoa, em cada Grande Dia da Expição, em cada acontecimento dramático: Quando o Messias virá? Em que lugar? Para que virá? Será nessa ocasião que ele vai libertar o povo de Israel do jugo do Império Romano?

“O anjo disse: – Não tenham medo! Estou aqui a fim de trazer uma boa notícia para vocês, e ela será motivo de grande alegria também para todo o povo!” (Lc 2.10)

Era uma vez uma eclosão de anjos

Não eram muitos. Era mais do que muitos. Era uma multidão, uma grande multidão, um imenso coro angelical. Quantos anjos cantores? O número está além da imaginação. Nenhum coro de igreja ou de oratório seria maior do que o coro dos anjos. Foi uma eclosão porque eles apareceram de súbito, logo após a participação do nascimento de Jesus, logo após o primeiro anúncio do evangelho. O momento era tão esperado, tão importante, tão solene, tão único, que os anjos não conseguiram reprimir a alegria nem se manter no lugar onde se encontravam. Talvez eles estivessem assistindo a tudo lá de cima, mas isso era pouco diante da solenidade daquele momento. Eles desceram, atravessaram a nuvem que os encobria e ficaram mais perto das colinas de Belém do que dos céus.

Se quando apenas um pecador se arrepende há alegria no céu (Lc 15.7a e 10), quanto mais quando o Verbo se fez carne para possibilitar a salvação de todos os que creem no tempo e no espaço!

“No mesmo instante apareceu junto com o anjo uma multidão de outros anjos, como se fosse um exército celestial” (Lc 2.13)

Era uma vez uns pastores de ovelhas que trabalhavam no turno da noite

Trata-se de um grupo de tomadores de conta de ovelhas, também chamados de pastores de ovelhas. Eles trabalhavam em turnos: o turno da noite e o turno do dia. A responsabilidade deles era proteger o rebanho de animais ferozes, de ladrões e salteadores; levá-lo para os campos e para os apriscos, conduzi-lo aos pastos verdes para matar a fome e às águas tranquilas para matar a sede. Os mais exigentes contavam as ovelhas uma por uma na entrada do redil para verificar se alguma delas teria ficado para trás. A maioria dos pastores trabalhava com amor.

Na noite em que Maria deu à luz ao menino Jesus, havia pastores cuidando de ovelhas nas campinas ao redor de Belém. Altas horas da noite, eles viram uma luz muito forte que não era da lua nem das estrelas. Esse fenômeno tão glorioso deixou-os com medo. Para socorrê-los veio um anjo do céu que lhes disse: “Não tenham medo!” E contou-lhes a grande notícia. Esses pastores foram as primeiras pessoas a saber do acontecimento e a ver o menino de Maria (Lc 2.8-20).

“Naquela região havia pastores que estavam passando a noite nos campos, tomando conta dos rebanhos de ovelhas” (Lc 2.8)

Era uma vez um “Deus conosco”

O Evangelho que mais cita as profecias do Antigo Testamento relativas à pessoa de Jesus faz questão de mencionar o profeta Isaías quando ele diz que “a virgem ficará grávida e terá um filho que receberá o nome de Emanuel” (Is 7.14; Mt 1.23). Além disso, Mateus explica por conta própria que Emanuel quer dizer “Deus conosco” ou “Deus está conosco”.

Curiosamente esse nome próprio só aparece três vezes nas Escrituras. A mensagem nele contida é extraordinária. O Deus absolutamente santo, em Cristo, se aproxima do ser humano, absolutamente pecador. O céu se abaixa e a terra se levanta. Em Cristo, os dois se encontram e permanecem no mesmo plano. O abismo desmedido acaba. Pois Jesus é o Emanuel, o Deus conosco, que veio lá de cima, tornou-se carne (virou gente) e viveu entre nós (Jo 1.14a). Comeu conosco. Caminhou, sofreu, sentiu fome, subiu a montanha, atravessou o mar, orou, cantou, falou, chorou e foi ao templo conosco. A junção é perfeita. Ele é a Videira e nós somos os galhos (Jo 15.5a). Onde nós estamos, ele está; para onde ele foi nós também vamos. Somos um só corpo com ele! (1Co 12.27).

“A virgem ficará grávida e terá um filho que receberá o nome de Emanuel. (Emanuel quer dizer ‘Deus está conosco’)” (Mt 1.23)

Era uma vez um homem bom e piedoso

Ele morava em Jerusalém. Além de bom e piedoso, Simeão era um dos poucos que “esperava a salvação para o povo de Israel” (Lc 2.25). Era tão versado nas Escrituras que, para ele, Jesus era aquela luz para os outros povos a fim de levar a salvação ao mundo inteiro, de acordo com Isaías (Is 49.6; Lc 2.30-32). Era tão apaixonado por este Messias prometido, que o Espírito Santo lhe disse “que, antes de morrer, ele iria ver o Messias enviado pelo Senhor” (Lc 2.26). Era tão íntimo do Espírito, que este o guiou para ir ao templo exatamente no momento em que Maria e José levaram Jesus para ser apresentado oficialmente ao Senhor, conforme a lei de Moisés (Lc 2.27). Era tão espontâneo, que pegou o menino no colo, para louvar a Deus por ele (Lc 2.28). Era tão sensível, que agradeceu ao Senhor por ter visto com seus próprios olhos a salvação preparada para todos os povos (Lc 2.29-32). Era tão realista, que declarou que Jesus foi escolhido por Deus tanto para destruição como para salvação de muita gente em Israel (Lc 2.34).

“Simeão pegou o menino no colo e louvou a Deus. Ele disse: – Agora, Senhor, cumpreste a promessa que fizeste e já podes deixar este teu servo partir em paz. Pois eu já vi com os meus próprios olhos a tua salvação” (Lc 2.28,30)

Era uma vez uma profetisa chamada Ana

Ela era uma viúva que tinha vivido com seu marido por muito pouco tempo (apenas sete anos). Embora fosse nova, não casou outra vez. Agora é uma idosa de 84 anos, que dedicou seus últimos anos para adorar, jejuar e orar. Porque era uma mulher só, porque era uma octogenária e porque gastava o tempo todo em exercícios espirituais, Ana morava numa das muitas dependências do enorme templo de Herodes, em Jerusalém. Leitora atenta das Escrituras do Antigo Testamento, Ana estava bem por dentro das profecias messiânicas, e algo lhe dizia que aquele bebê que estava nos braços de Simeão era o Messias.

Certa disso, chegou perto da criança e começou a louvar a Deus por ela. Não satisfeita, Ana começou também a falar a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém. Por meio dos anjos e da profetiza, que mal podia andar por causa da idade, a chamada ‘Grande Comissão’ já começava a ser cumprida (Lc 2.38).

“Naquele momento ela [Ana] chegou e começou a louvar a Deus e a falar a respeito do menino para todos os que esperavam a libertação de Jerusalém” (Lc 2.38)

Era uma vez uma estrela que manifesta a glória de Jesus

Mencionase uma estrela na primeira página do Novo Testamento e outra na última página. As duas têm algo a ver com Jesus Cristo.

Os magos que vieram de longe informaram em Jerusalém que tinham visto uma estrela fora do comum nas distantes terras do Oriente e, por causa dela, vieram adorar aquele a quem a estrela pertencia (“vimos a *sua* estrela”), e porque ele era “o recém-nascido Rei dos judeus” (Mt 2.1-2).

Já em Apocalipse, Jesus se apresenta tranquilamente assim: “Sou a brilhante estrela da manhã” (Ap 22.16).

Curiosamente, um mago chamado Balaão, que morava com o seu povo numa cidade banhada pelo rio Eufrates (talvez a mesma região dos magos), por ocasião do êxodo, declarou a Balaque, rei de Moabe: “Olho para o futuro e vejo o povo de Israel. Um rei, como uma estrela brilhante, vai aparecer naquela nação” (Nm 24.17).

Parece que há uma estreita relação entre a estrela da primeira página com a estrela da última página do Novo Testamento!

“No caminho viram a estrela, a mesma que tinham visto no Oriente. Ela foi adiante deles e parou acima do lugar onde o menino estava” (Mt 2.9)

Era uma vez uma reunião a portas fechadas

Por que Herodes, o Grande, convocou os magos do Oriente para uma reunião secreta? Por que ele não queria que ninguém ouvisse a conversa dele com os magos? Foi sigilosa a reunião por questões meramente políticas. Herodes era tão apegado ao poder, que temia ser derrubado do trono por aquele que os magos chamaram “Rei dos judeus”, embora essa pessoa fosse apenas um recém-nascido. Além disso, o governo de Herodes estava há dez anos em declínio (desde 14 a.C.). Quanto menos pessoas soubessem alguma coisa desse novo “Rei dos judeus” melhor seria para ele. O que aumentou o medo de Herodes foi o relatório dado pelos chefes dos sacerdotes e mestres da lei, confirmando que da vila de Belém sairia o “rei de Israel”, de acordo com a profecia de Miqueias (Mq 6.1-2; Mt 2.4-6, NBV).

Depois de perguntar aos magos o tempo exato em que a tal estrela apareceu, Herodes teve a pouca vergonha de pedir-lhes que, na viagem de volta, deixassem o nome da rua e o número da casa onde estaria o “Rei dos judeus” para ele também ir adorá-lo (Mt 2.8)!

“Vão e procurem informações bem certas sobre o menino. E, quando o encontrarem, me avisem, para eu também ir adorá-lo” (Mt 2.8)

Era uma vez uma comitiva de sábios estrangeiros

Os chamados magos do Oriente vieram à Jerusalém para adorar o menino Jesus. A palavra mago é de origem iraniana e originalmente indica os observadores e estudiosos dos corpos celestes. A seriedade dada por eles ao nascimento e à pessoa de Jesus deixa claro que eles eram profundamente religiosos e devotos. Afinal, não seria em atenção a qualquer um que eles fariam uma viagem não muito curta para adorar e presentear. Não se sabe ao certo se eles vieram da Pérsia (hoje Irã) ou da Babilônia (hoje Iraque). O que se sabe é que esses astrônomos (e não astrólogos) viram alguma coisa na abóbada celeste que chamou a atenção deles e indicava um evento de grande importância na história da humanidade: o nascimento daquele que eles denominavam “Rei dos judeus”. Muito bem informados a respeito do recém-nascido, os sábios do Oriente trouxeram ouro, incenso e mirra à criança e a adoraram. O gesto deles contrasta com o gesto de Herodes, e seus presentes contrastam com a pobreza da estrebaria. O culto prestado por eles prenuncia o louvor universal que será dado ao nome de Jesus (Fp 2.10-11)!

“Quando viram a estrela, eles ficaram muito alegres e felizes. Entraram na casa e encontraram o menino com Maria, a sua mãe. Então se ajoelharam diante dele e o adoraram. Depois abriram os seus cofres e lhe ofereceram presentes: ouro, incenso e mirra” (Mt 2.10,11)

Era uma vez um culto doméstico com visitas ilustres

Não era na capital que o rei dos judeus nasceria, mas sim na pequena vila de Belém. A estrela que vinha caminhando desde o Oriente parou exatamente em cima do lugar onde o menino estava. Deduz-se que José, Maria e a criança agora estariam numa casa qualquer e não na estrebaria (o único Evangelho que conta essa história diz que os magos entraram numa *casa*).

O que aconteceu em seguida é admirável: aqueles estrangeiros (não se sabe quantos) se ajoelharam, não diante de Maria, mas de Jesus, que estava nos braços dela e o adoraram (Mt 2.11). Quanto tempo durou essa cena não se sabe. O louvor se manifestou apenas pelos joelhos dobrados? Teria havido alguma adoração expressa por meio de palavras e cânticos? Teriam os magos feito alguma oração de ações de graça? Desde que saíram do Oriente, o propósito deles era adorar o menino. Mas não vieram de mãos vazias: eles trouxeram na bagagem três presentes para o rei dos judeus: ouro, incenso (uma substância perfumada) e mirra (uma substância extraída de algumas árvores).

“Para que, em homenagem ao nome de Jesus, todas as criaturas no céu, na terra e no mundo dos mortos, caiam de joelhos e declarem abertamente que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus, o Pai” (Fp 2.10,11)

Era uma vez um monstro de carne e osso

Ele era chamado de Herodes, o Grande, e governou a Judeia por 33 anos (de 37 a 4 d.C.). Teve dez casamentos e 15 filhos. Era pai de dois tetrarcas (Herodes Filipe II e Arquelau), avô do rei Herodes Agripa I e bisavô de Herodes Agripa II e da famosa Salomé (a moça que pediu a cabeça de João Batista). Embora tenha sido um rei bem sucedido administrativamente falando e tenha reconstruído o templo dos judeus em Jerusalém (uma obra que levou 46 anos para ser feita), Herodes, o Grande, era extremamente cruel e implacável assassino. Ele matou vários membros da própria família (esposa, três filhos, sogra, cunhado e tio) e muitos outros.

Por que os magos do Oriente não voltaram para fornecer o endereço do menino Jesus, “enfureceu-se Herodes profundamente”. Não teve nenhum escrúpulo em mandar matar todas as crianças do sexo masculino de menos de dois anos para baixo, de Belém e seus arredores, na certeza de que uma delas seria Jesus. Mas o menino não foi uma das vítimas porque seus pais o levaram para o Egito, por ordem de um anjo do Senhor. Quem morreu mesmo, pouco depois, foi Herodes, o Grande (Mt 2.16-21).

“Os seus reis se preparam, e os seus governantes fazem planos contra Deus, o Senhor, e o rei que ele escolheu. Ele [Deus] diz: ‘Já coloquei o meu rei no trono lá em Sião, o meu monte santo’” (Sl 2.6,8)

Era uma vez um lugar de refúgio

Para Jesus, o Egito foi uma espécie de lugar de refúgio dos israelitas em perigo de morte. Ou o tal castelo forte (ou uma caverna de granito) que o salmista menciona como um esconderijo para continuar vivo (Sl 31.2).

Não é a primeira vez que alguém de Israel procura abrigo no Egito, um país ao nordeste da África, distante 880 quilômetros de Belém da Judeia. Os primeiros a se refugiarem ali foi o casal Abraão e Sara (Gn 12.10). Anos depois, o neto (Jacó) e os bisnetos de Abraão mudaram-se para o Egito pela mesma razão (seca e fome), e lá permaneceram 400 anos.

José e Maria, com o menino ainda de colo, fizeram uma longa viagem em sentido contrário ao êxodo, mas sem aqueles longos intervalos. O casal teria ido a pé ou no lombo de um animal (para Maria e Jesus) ou de dois animais (um para Maria e o filho e outro para José)?

A sacra família não demorou muito nesse lugar de refúgio. Quando Herodes, o Grande, morreu e seu filho Arquelaus, igualmente cruel, começou a reinar, cumpriu-se a profecia de Oseias: “Quando Israel era uma criancinha, eu o amei como meu filho e o trouxe para fora do Egito” (Os 11.1, NBV).

“Levante-se, pegue a criança e a sua mãe e fuja para o Egito. Fiquem lá até eu avisar, pois Herodes está procurando a criança para matá-la” (Mt 2.13)

Era uma vez um profeta messiânico

Ao narrar o nascimento de Jesus, o Evangelho de Mateus declara que “tudo isto aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito por meio do profeta: ‘A virgem ficará grávida e terá um filho que receberá o nome de Emanuel’” (Mt 1.22-23). Mateus explica que Emanuel quer dizer “Deus conosco”, mas não cita o nome do profeta. Descobriu-se pela leitura do livro de Isaías que o profeta é ele mesmo (Isaías). Embora faça muitas referências a Jesus e de vez em quando seja chamado de o Quinto Evangelho, nem todas as profecias do livro de Isaías são facilmente explícitas, exceto a impressionante profecia sobre o servo sofredor, que ocupa todo o capítulo 53. Conhecendo o mínimo possível da paixão de Cristo, qualquer leitor atencioso desse capítulo entenderá que a referida passagem descreve com uma beleza enorme o perfeito sacrifício vicário de uma pessoa chamada de o servo do Senhor. É o texto mais evangelístico do Antigo Testamento, senão de toda a Bíblia. O eunuco da Etiópia entendeu tudo, mas precisou do auxílio de Filipe para saber que Jesus é o servo sofredor de Isaías (At 8.34-35).

“O povo diz: ‘Quem poderia crer naquilo que acabamos de ouvir? Quem diria que o Senhor estava agindo? Pois o Senhor quis que o seu servo aparecesse como uma plantinha que brota e vai crescendo em terra seca’” (Is 53.1,2)

Era uma vez um pai adotivo

Maria entra na história por ter dito “sim” ao anjo Gabriel (Lc 1.38). E o marido dela também entra na história, pouco depois dela, pelo mesmo motivo: “Quando José acordou, fez o que o anjo do Senhor havia mandado e casou com Maria” (Mt 1.24).

Maria não era uma mãe solteira, mesmo que o marido não tenha sido o pai biológico da criança. José assumiu o seu papel de pai adotivo e todo o mundo sabia.

Quando surgiu a ameaça de morte por parte de Herodes, o anjo procurou o pai, e não a mãe, e disse-lhe: “Levante-se, pegue a criança e a sua mãe e fuja para o Egito” (Mt 2.13). Quando o perigo desapareceu, o anjo tornou a falar com José e não com Maria: “Levante-se, pegue a criança e a sua mãe e volte para a terra de Israel” (Mt 2.20). O pessoal da sinagoga de Nazaré, onde a família morava, tinha José como o pai de Jesus: “Por acaso não é ele o filho do carpinteiro?” (Mt 13.55). O Evangelho de Lucas informa que Jesus, aos doze anos, “voltou com os seus pais para Nazaré e continuava a ser obediente a eles” – a Maria e a José (Lc 2.51). Nesse mesmo capítulo, a palavra “pai” aparece com ‘p’ minúsculo (o pai adotivo de Jesus) e com ‘P’ maiúsculo (o Pai Todo-Poderoso).

“Quando José acordou, fez o que o anjo do Senhor havia mandado e casou com Maria” (Mt 1.24)

Era uma vez uma agenda a ser cumprida

Uma semana depois de nascido, Jesus foi circuncidado, como manda a lei de Moisés, em Belém mesmo, por uma pessoa indicada para fazer isso (Lc 2.21).

Quarenta dias depois de nascido, Jesus foi apresentado no templo de Jerusalém como manda a lei de Moisés. Ele era o filho primogênito e precisava ser consagrado ao Senhor (Lc 2.22).

Doze anos depois de nascido, Jesus, com seus próprios pés, foi a Jerusalém na companhia de seus pais, como manda a lei de Moisés, para tornar-se “filho de mandamento”, isto é, para tornar-se membro adulto da comunidade (Lc 2.42).

Trinta anos depois de nascido, Jesus foi batizado por João Batista no rio Jordão, para cumprir toda a vontade de Deus (Mt 3.15) e, em seguida, foi tentado pelo Diabo e, em Nazaré, deu início ao seu ministério (Lc 4.1-21).

Trinta e três anos depois de nascido, Jesus, em Jerusalém, ofereceu a sua vida como sacrifício para tirar pecados, como dizia a profecia de Isaías.

E, em data não revelada, esse mesmo Jesus há de voltar em poder e muita glória (Mt 24.30).

“Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim. Eu sou o famoso descendente do rei Davi. Sou a brilhante estrela da manhã” (Ap 22.13,16)

Sobre o autor

ELBEN M. LENZ CÉSAR é diretor-fundador da *Editora Ultimato* e redator da revista *Ultimato*. É autor de, entre outros, *Práticas Devocionais, Refeições Diárias com Jesus, Para (Melhor) Enfrentar o Sofrimento e Por Que (Sempre) Faço o Que Não Quero?*.



Caixa Postal 43 | 36570-000 | Viçosa-MG
Tel.: 31 3611-8500 | Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br